Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual · CC BY-NC-SA

O Autodidatismo Como Método de Aprendizagem da Língua Inglesa para Alunos do Curso de Licenciatura em Letras Inglês

Aylla Carvalho de Oliveira
Nádia Cibele Alves da Silva

RESUMO

Este trabalho tem como tema o autodidatismo como ferramenta de aprendizagem da língua inglesa para alunos do curso de Licenciatura em Letras Inglês da UESPI. O objetivo principal foi investigar o uso do autodidatismo nos ambientes de estudo dos alunos da referida instituição, de forma que esta autonomia proporcione ao estudante a aprendizagem da língua inglesa. Para tal fim, investigou-se 21 alunos do Curso de Licenciatura em Letras Inglês dessa instituição. Os fundamentos teóricos foram baseados nos estudos de Bloomfield (1933), Chomsky (1995), Hollins (2018), Kohler (1924), Krashen (1982), Gass (2008), Oxford (1984), Solomon (2005), Vigotsky (1984), Yu & Watkins (2010) e outros estudiosos. Foi utilizado, como instrumento de pesquisa, um questionário com perguntas abertas e fechadas sobre hábitos autodidatas. A análise dos dados trouxe evidências de que o autodidatismo acelera a aprendizagem da língua inglesa, bem como serve de estímulo para a busca de novos conhecimentos, e que o aluno autodidata necessita de motivação para adquirir a língua inglesa com êxito. Nesse sentido, este estudo destaca a importância do autodidatismo como forma de incentivar a autonomia dos alunos, bem como discute estratégias de estudo.

Palavras-chave: Autodidatismo; Aprendizagem de segunda língua; Motivação.

1 INTRODUÇÃO

O autodidatismo consiste em realizar estudos de diversas áreas visando o aprendizado dos conteúdos, contudo, sem o auxílio direto de professores ou mentores. O autodidata seleciona, organiza e executa o seu próprio ritmo de aprendizagem, assim como o material a ser usado e os recursos para tal fim. Muitos são os benefícios de se tornar um aluno autodidata, dentre eles, podemos destacar, o uso contínuo da memória e uma acelerada aquisição do conhecimento obtido. À medida que isso acontece, o aluno autodidata trabalha a memorização para que

Oliveira, A.C., Silva, N.C.A.; O Autodidatismo Como Método de Aprendizagem da Língua Inglesa para Alunos do Curso de Licenciatura em Letras Inglês. Revista Portuguesa Interdisciplinar V.3, Nº2, p.78-100, Ago./Dez. 2022. Artigo recebido em 10/01/2022. Última versão recebida em 12/12/2022. Aprovado em 15/12/2022.

este assunto seja internalizado, após diversas sessões de estudo. Deste modo, esse aluno dispõe de duas tarefas: traçar estratégias de aprendizado e aprendê-las.

O interesse em investigar sobre o tema surgiu a partir da percepção de que alguns alunos do curso de Letras Inglês, durante todo o curso, demonstram dispor de estratégias autodidatas para alcançar o aprendizado do idioma. Tal percepção se deu com a vivência e interação com os alunos do curso, que por muitas vezes compartilhavam sobre as suas metas e aspirações. Observou-se então que esses alunos recorriam a essas estratégias por conta da alta demanda de conhecimento e prática exigida pela grade curricular do curso no qual eles fazem parte. Da mesma forma, observou-se que os alunos que não aderem às práticas e estratégias autodidatas apresentam maior dificuldade em acompanhar os conteúdos propostos pelos professores. Considerando que as instituições de ensino possuem limitações no que se refere ao tratamento individualizado dos alunos, é essencial que haja interesse, por parte dos estudantes, em estudar com autonomia.

Desta forma, o presente trabalho buscou responder à seguinte pergunta norteadora: como o autodidatismo pode ajudar o aluno do Curso de Licenciatura em Letras Inglês da UESPI na aprendizagem da língua inglesa?

A partir da formulação do problema, levantaram-se as seguintes hipóteses: (i) o autodidatismo acelera a aprendizagem da língua inglesa e estimula a busca por conhecimento; (ii) o aluno autodidata necessita estar motivado para que a aprendizagem da língua aconteça de maneira produtiva.

Visando um estudo aprofundado da temática em questão, esta pesquisa teve como objetivo geral investigar o uso do autodidatismo como ferramenta para aprendizagem da língua inglesa dos alunos do Curso de Licenciatura em Inglês da UESPI. Com o intuito de alcançar o objetivo geral, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: (i) levantar dados de pesquisa sobre a prática do autodidatismo nos ambientes de estudo dos referidos alunos; (ii) desenvolver um

modelo de perfil de aluno autodidata e relacioná-lo com os dados de pesquisa coletados.

Para que o perfil de aluno autodidata fosse desenvolvido, foram utilizadas as características autodidatas propostas pelo autor Hollins (2018) na sua obra *The Science of Self-Learning: How to Teach Yourself Anything, Learn More in Less Time, and Direct Your Own Education*. Dessa forma, foram abordadas as seguintes características: aprendizado por conta própria; motivação para aprender; dedicação de tempo para o aprendizado; controle dos resultados alcançados; organização e desenvolvimento de estratégias de aprendizado.

2 AUTODIDATISMO, AQUISIÇÃO DE SEGUNDA LÍNGUA E MOTIVAÇÃO

2.1 Autodidatismo

O autodidatismo ocupa um lugar significativo na vida do ser humano. Desde os tempos mais antigos, o homem busca por conhecimento – esse conhecimento que, por várias vezes, não é ensinado por um mentor. Por exemplo, podemos evidenciar a antiguidade do autodidatismo com base nas numerosas descobertas humanas mais antigas, como a roda, a lâmpada e, até mesmo, a pólvora. É fato que o autodidatismo acompanha a civilização desde os primeiros homens. Em outras palavras, essas invenções são comuns entre si quando levamos em consideração que os seus inventores partiram de estudos e testes próprios, com a finalidade de provar a eficácia de tais instrumentos. Logo, não há como datar o surgimento do autodidatismo, tampouco nomear um precursor para essa prática.

Segundo D'Andrea (2015, p. 1), autodidata é a pessoa que educa a si próprio, e que busca, por si mesmo, o conhecimento que precisa para realizar os seus objetivos. O autor, em sua obra, menciona grandes autodidatas de diferentes áreas do conhecimento. Em particular, o que há de comum entre essas pessoas é o modo de aprendizado que todos utilizaram para alcançar a excelência: o autodidatismo.

"Os mestres são importantes, [...] são eles que mergulham profundamente no mundo dos pensamentos e das ações para que, com a sua prática, ajudem seus discípulos a alcançarem seus próprios níveis de excelência" (D'ANDREA, 2015 p. 1).

De fato, um mestre ou mentor exerce grande papel na vida de um aprendiz, visto que o estudo se torna menos árduo quando se tem um guia para orientar o percurso da aprendizagem. Ainda, o aluno sente a necessidade da presença de alguém considerado intelectualmente superior, para que esse o oriente constantemente sobre o que está errado (D'ANDREA, 2015 p. 4). No entanto, há uma variedade de fatores a serem considerados acerca da disponibilidade e do alcance ligados diretamente ao mentor. "Nem sempre, porém, um mestre ou professor está disponível. E, quando está presente, nem sempre é suficiente para que o discípulo desenvolva todas as suas potencialidades" (D'ANDREA, 2015 p. 2).

A indisponibilidade do professor atuante no ensino regular pode ser evidenciada nos seguintes casos: excesso de turmas, escassez de tempo para aprofundamento em conteúdos, grades curriculares extensas e a padronização da educação exigida pelas escolas. Consequentemente, há momentos em que o aluno precisa improvisar e recorrer a uma nova alternativa para estudar sem a instrução de um mestre.

A ideia de um ser humano dotado de completa autonomia é questionada na seguinte afirmação: "Nenhum de nós possivelmente poderia estar próximo de ser um completo autodidata" (SOLOMON, 2005 p. 3). O autor pontua que, a partir do momento que nossas mães colocam uma colher cheia de comida em nossa boca, estamos sendo ensinados. Assim como todas as vezes que seguimos ordens ou atentamos a ensinamentos, se quisermos, estamos sendo ensinados. Podemos afirmar que, em retrospecto, estamos *nos permitindo* a sermos ensinados.

Além disso, para Solomon (2005, p. 4), algumas pessoas pensam que, antigamente, todo estudioso era considerado autodidata, visto que não havia livros ou escolas para se estudar. De fato, é comum de se pensar que, ser autodidata,

tem a ver com estudar em completa solitude, longe de qualquer pessoa. Porém, há várias outras possibilidades a serem levadas em consideração, como a imitação física, que gera aquisição de conhecimento, e a interação que os seres humanos estabelecem entre si. Essa interação gera o aprendizado mais potente que podemos receber.

Nos meados de 1920, Kohler (1924), conforme citado por Solomon (2015 p. 5), conduziu alguns experimentos com chimpanzés, e o intuito era descobrir se os primatas conseguiriam ensinar a si mesmos a resolução de um determinado problema. Por várias vezes, bananas e outras frutas eram posicionadas em locais de difícil acesso, e, como recursos, eram oferecidos aos animais pedaços de madeira e caixas de apoio. A resolução do problema consistia em os chimpanzés utilizarem os recursos para promover o alcance das frutas. Após inúmeras observações, Kohler (1924, p. 170, apud SOLOMON, 2015 p. 5) constatou que os primatas apresentavam diferentes graus de persistência, assim como diferentes taxas de sucesso. Em seguida, Kohler pôde observar que os chimpanzés conseguiram fazer uso dos recursos oferecidos para então colher os frutos, alguns mais rápidos que os outros e com diferentes formas de chegar ao objetivo. Como conclusão, pontuou que, após os primatas construírem a imagem da solução completa nas suas mentes, as devidas ações eram tomadas:

- Eles pareciam ter aprendido a partir de seus próprios esforços imaginativos;
- Em alguns casos, eles aprendiam por imitação ao observarem as tentativas dos demais primatas.

Kohler (1924, p. 8, apud SOLOMON, 2015 p. 5) concluiu que o autodidatismo é uma contribuição excepcional para o aprendizado.

Ao longo desta investigação, foram identificados teorias e experimentos de importante papel para a exploração do fenômeno do autodidatismo. De acordo com a visão de D'Andrea (2015, p. 1), o estudante autodidata busca a excelência, para que seus resultados sejam cada vez melhores. Todavia, o autor também pontua

que os mentores têm grande participação no processo de aprendizagem. Da mesma maneira, Solomon (2005, p. 4) esclarece que os seres humanos aprendem em função da interação com outros seres, pois, por meio da observação de práticas exercidas por outros indivíduos, os humanos conseguem aprender. Com o intuito de estudar o fenômeno da autonomia de ensino, Kohler (1924, p. 8, apud SOLOMON, 2015 p. 5) conduziu a pesquisa com primatas, e pôde vislumbrar o autodidatismo em funcionamento. Finalmente, é possível concluir que o autodidatismo proporciona ao aprendiz a oportunidade de refletir sobre seu próprio progresso, elaborar seus próprios meios para alcançar seus objetivos e desenvolver uma motivação intrínseca.

2.1.1 O autodidatismo de Hollins

"Um autodidata é, da maneira mais simples de ser colocada, um educador de si mesmo. [...] O autodidata se sente confortável com a noção de que ele é, ao mesmo tempo, um professor e um estudante" (HOLLINS, 2018, p.13). De acordo com Hollins, um autodidata é o principal responsável pela sua própria educação, pois ele mesmo é dono do método escolhido para os estudos. Além disso, ele tem total controle sobre as ferramentas de aprendizado a serem usadas, como livros, vídeos, cursos online, etc. O autor também pontua que qualquer um pode ser um autodidata, pois não existem restrições de idade, gênero ou etnia. Na verdade, o que realmente é exigido de um estudante com essas características é a vontade de aprender, com a adição de uma boa quantidade de esforço necessário para essa pessoa alcançar tal fim.

Hollins (2018, p. 11) também afirma que as mudanças que se sucederam no século atual têm permitido aos estudantes melhor acesso à educação, o que implicou em uma ascensão de alunos dotados de características autodidatas. O advento da internet oferece a qualquer pessoa que tenha uma conexão com a web uma gama de recursos e informação que antes eram de difícil acesso. Como

consequência disso, estudantes de todo o mundo dispõem de melhores opções para suplementar os seus estudos tradicionais ou até mesmo aprender algo totalmente novo.

O autor discute de forma ampla as qualidades de um autodidata, porém destaca a habilidade de maior importância que esse estudante pode ter: a organização. De acordo com Hollins (2018):

> A melhor maneira de combater uma 'drenagem cerebral' é trabalhar habilidades de autogerenciamento. [...] Para o autodidata, esse processo consiste em organizar a si mesmo e os seus materiais a fim de facilitar a busca pela informação, os estudos, a compreensão e testes sobre o que foi aprendido. (HOLLINS, 2018, p.33)

Isto é, a organização de um aluno autodidata permite a ele executar tarefas que interferirão de maneira positiva nos seus estudos, tais como: reservar tempo para a aprendizagem, manter controle dos resultados alcançados e traçar estratégias de aprendizado.

Por fim, o autor também ressalta a importância do papel da motivação na vida de um aluno autodidata. Segundo o próprio autor:

> Ao invés de completar tarefas com o objetivo de obter recompensas ou até evitar punições de um outro indivíduo, a pessoa que experiencia da motivação intrínseca realiza atividades visando como isso pode enriquecê-la em um nível intangível HOLLINS (2018, p. 43).

Isto implica dizer que recompensas materiais ou a aceitação por parte de terceiros não são suficientes para suprir a vontade de um aluno autodidata em aprender, mas são as realizações pessoais que o levam a seguir com os seus objetivos. Tais realizações incluem: o orgulho, a sensação de realização e o prazer de progredir. Portanto, essas simples recompensas fazem o aluno autodidata se sentir mais confiante e preparado para o sucesso pessoal.

2.2 Teorias da Aquisição/Aprendizagem de Segunda Língua vs. Autodidatismo

O campo de estudo da aquisição de segunda língua (SLA) procura estudar fenômenos relacionados a ambos aquisição e aprendizagem de línguas por parte das crianças e adultos em todo o mundo. Gass (2008) lista uma série de objetivos presentes no estudo do campo da SLA:

> [...] é o estudo de como as segundas línguas são aprendidas. [...] é o estudo de como os aprendizes criam uma nova linguagem mesmo com pouca exposição à língua não nativa. [...] é o estudo do que é e do que não é aprendido de uma segunda língua. [...] é o estudo de como alguns falantes não nativos conseguem desenvolver a competência linguística de um falante nativo. (GASS, 2008,p.54)

Além disso, a SLA apresenta seus próprios objetivos, pois possui seus próprios métodos de coleta de dados e suas próprias ferramentas de análise. Ainda, o campo da SLA é interdisciplinar, pois se baseia e causa impacto em outras áreas de estudo, como a linguística, a psicologia, a sociologia, a análise do discurso, etc.

Nos parágrafos a seguir, serão discutidas algumas teorias relacionadas à SLA na visão de alguns estudiosos de diversas áreas, bem como comparações entre essas teorias e a realidade de um aluno autodidata.

2.2.1 Teoria de Leornard Bloomfield

Do ponto de vista behaviorista, a língua é formada primariamente pela fala e não pela escrita, pois a escrita é produto da fala. Para tornar este pensamento verdadeiro, os psicólogos se utilizam de duas justificativas: (a) crianças que sofrem de problemas cognitivos aprendem a falar antes mesmo de aprender a escrever; (b) muitas sociedades não têm linguagem escrita, porém toda sociedade dispõe da linguagem oral. Desta forma, os behavioristas afirmam que a fala consiste em

mímica e comparação, pois tendemos a imitar hábitos de outras pessoas e acabamos por aumentar nossas capacidades linguísticas. Bloomfield (1933) ilustra o fenômeno com a seguinte analogia:

> Suponhamos que Jack e Jill estão caminhando por uma via. Jill está faminta. Ela vê uma maçã em uma árvore. Ela reproduz um som com a sua laringe, língua e lábios. Jack pula uma cerca, sobe a árvore, pega a maçã, traz para a Jill e coloca em sua mão. Jill come a maçã. (BLOOMFIELD, 1933, p.22)

A partir do exemplo, o psicólogo divide a situação em três partes:

1. Eventos práticos que precedem o ato da fala (como por exemplo a fome de Jill ou o vislumbre da maçã);
2. O ato da fala (como a reprodução de sons feitos pela Jill);
3. Eventos práticos que sucedem o ato da fala, ou a resposta do ouvinte (como a ação de Jack de buscar a maçã).

Nesta perspectiva, podemos ver que existe um estímulo que precede um evento de resposta e que a linguagem oral se desenvolve a partir de tais eventualidades. No caso do autodidata, o estímulo se faz presente a partir do momento que o aluno deseja buscar determinado conhecimento, e a resposta varia de acordo com os esforços desse indivíduo.

2.2.2 As teorias de Stephen Krashen

Stephen Krashen (1982) foi um linguista mundialmente reconhecido por seus estudos no campo da SLA. Nos próximos parágrafos, serão apresentadas quatro das suas teorias de aquisição e aprendizagem de línguas que melhor se aplicam ao cotidiano de um aluno autodidata de línguas: a distinção entre aquisição e aprendizagem de línguas, a teoria da ordem natural, a hipótese do monitor e a teoria do insumo ou *input*.

De acordo com Krashen (1982), adultos possuem duas formas distintas de desenvolver competência em uma segunda língua: a aquisição e a aprendizagem.

Ambos os processos são efetivos. O processo de aquisição de uma língua ocorre no subconsciente; os adquirentes não têm consciência do processo, porém têm noção de que estão usando a língua para a comunicação. O mesmo ocorre com crianças que estão em processo de aquisição da sua primeira língua. Além disso, é normal para o indivíduo adquirente "sentir" e corrigir os seus erros léxicos à medida que são analisados internamente. Por outro lado, o processo de aprendizagem ocorre de forma oposta, nele o aprendiz tem total consciência do que está sendo internalizado. Desta forma, o aprendiz tem controle sobre regras da língua e corrige os seus erros de forma manual.

No tocante à teoria da ordem natural, Krashen (1982) afirma que existe uma ordem natural e previsível em que se adquirem as estruturas e regras da língua nativa, assim como da aquisição de uma segunda. No entanto, ele mesmo afirma que a ordem natural de ambas ocorre de maneira distinta, mesmo ainda sendo previsíveis. Tomando como base aquisição de segunda língua, Krashen organizou uma ordem média da aquisição de morfemas da língua inglesa a fim de ilustrar a sua teoria.

Em primeiro lugar, desenvolvem-se os conhecimentos de presente progressivo (de terminação *-ing*), plural das palavras com terminação *s* e o verbo *to be*. Em seguida, os verbos auxiliares são internalizados juntamente aos artigos definidos e indefinidos. Logo após, o aprendiz toma conhecimento dos verbos irregulares no passado, dando espaço também para os regulares. Por último, o uso do *s* em pronomes da terceira pessoa do singular e nos possessivos são aprendidos.

Como previamente mencionado, a ordem acima apresentada pode sofrer mudanças de acordo com o aprendiz e não representa um modelo oficial de ordem de aquisição. Em conclusão, a teoria da ordem natural é de grande importância para o autodidata de línguas, pois ela pode ajudar esse aluno a traçar uma linha de aprendizado a ser seguida.

Em seguida, destacamos a hipótese do monitor. De acordo com Krashen (1982), os processos de aprendizagem e aquisição não abrangem todo o processo presente na busca pela competência linguística. A teoria do monitor explica que a aquisição é responsável pela fluência do indivíduo, com a qual ele possui a habilidade de pensar e produzir linguagem de maneira instantânea. Todavia, o estudante aprendiz possui a ferramenta do monitor, que funciona como um editor à medida que este tenta produzir linguagem. Em outras palavras, um processo de autocorreção ocorre mesmo antes da fala ou escrita, e é regido pelo conhecimento previamente aprendido.

A teoria de Krashen sugere ainda que existem três condições que permitem ao usuário o uso consciente de regras de uma língua no momento da sua produção. A primeira delas diz respeito ao tempo. Um falante de segunda língua necessita de tempo suficiente para pensar sobre o que dizer e o que dizer antes mesmo de falar, e isso pode comprometer uma conversa rápida com um outro falante da mesma língua. Em segundo, tem-se o foco na forma, ou seja, além de se preocupar com o tempo, o falante de segunda língua também está sempre focado em estar falando corretamente.

Por último, existe também a condição do conhecimento das regras, cujo enunciado afirma ser toda língua composta por um complexo articulado de regras, e o fato é que nenhum aprendiz de segunda língua poderá ter o conhecimento sobre toda regra. Desta forma, a hipótese do monitor se associa ao cotidiano do aluno autodidata no que tange à autorregulação, pois a autonomia permite ao estudante refletir sobre as suas necessidades de forma que ele possa saná-las.

Por fim, a hipótese do *input* é baseada no processo de aquisição, no qual o adquirente progride do estágio i (competência linguística atual) para o estágio i + 1 (novo conhecimento aprendido) a partir do momento que este novo conhecimento apresente um nível de dificuldade maior (KRASHEN, 1982). Com base nesta afirmação, é certo dizer que só adquirimos uma língua se formos capazes de entender estruturas que são de nível superior em relação às que já sabemos. Além

disso, a hipótese do *input* afirma que o aprendizado de estruturas linguísticas só ocorre após o entendimento do significado. Por exemplo, podemos destacar que uma criança aprende primeiro a ideia do significado de um objeto para, depois, entender sobre a formação da palavra que intitula este objeto.

Em conclusão, ao relacionarmos a teoria do *input* ao aprendizado do aluno autodidata, podemos concluir que a busca constante por conhecimentos de maior nível de dificuldade é essencial para o aprendiz autônomo. A progressão de um conteúdo para o outro ocorre de maneira mais produtiva e a aprendizagem se torna mais efetiva.

2.2.3 Teoria de Lev Vygotsky

O psicólogo russo Vygotsky (1984) apresentou uma nova forma de visualizar o aprendizado de línguas com a sua teoria Sócio Cultural. Esta, por sua vez, argumenta que o desenvolvimento cognitivo humano é advindo das interações sociais nas quais um indivíduo desempenha. “De uma perspectiva sociocultural, o aprendizado de língua de uma criança se dá por processos de formação de significado em colaboração com outros membros de uma dada cultura” (LIWEI, 2010, p. 10).

Dentre os conceitos associados à teoria Sociocultural de Vygotsky, destacamos a de Zona de Desenvolvimento Proximal. De acordo com o psicólogo, existem dois tipos de desenvolvimento: o desenvolvimento real, que consiste naquilo que é consolidado por alguém, e o desenvolvimento potencial, que consiste no que alguém pode fazer com a ajuda de outro indivíduo. Vygotsky também relata que existe uma distância entre esses dois níveis de desenvolvimento, período no qual o indivíduo se apoia até que ele possa atingir um objetivo sozinho. Sobre a relação entre as duas zonas, o autor pontuou:

> Aquilo que é zona de desenvolvimento proximal hoje será o nível de desenvolvimento real amanhã – ou seja, aquilo que uma criança pode fazer com assistência hoje, ela será capaz de fazer sozinha amanhã. (VIGOTSKY, 1984, p. 98).

Essa teoria tem foco no desenvolvimento individual e se aplica ao cotidiano de um aluno autodidata, visto que evidencia a autonomia em relação à colaboração. Neste caso, o autodidata vai sempre fazer uso das interações sociais com o objetivo de aprender para, posteriormente, executar determinada atividade sozinho.

2.2.4 Teoria de Noam Chomsky

A teoria da Gramática Universal, proposta por Chomsky (1995), tem como perspectiva o aprendizado de línguas, e esta assume que existem princípios universais que formam parte da representação destas línguas. Conforme o próprio autoafirmou, “a teoria de uma língua particular é a gramática. A teoria das línguas e expressões que elas geram é chamada de Gramática Universal.” (CHOMSKY 1995, p. 67).

Para ilustrar este fenômeno, Cook (1997) usa uma analogia envolvendo motoristas de automóveis:

> Acima de tudo, existe um princípio no qual os motoristas devem se manter constantemente em um lado da pista, princípio este que é adotado por todos os países. [...] Um parâmetro de trânsito permite aos motoristas dirigirem à esquerda na Inglaterra e Japão, e à direita nos EUA e na França. [...] Logo, um princípio universal e um parâmetro variável juntos formam a essência da direção. O princípio dita o requerimento universal para dirigir; o parâmetro especifica a variação entre os países. (COOK, 1997, p. 250)

Em conclusão, a teoria da Gramática Universal de Chomsky nos revela que o aprendizado de línguas é possível graças aos princípios e parâmetros de cada uma delas, pois a similaridade entre esses parâmetros facilita a aprendizagem e, como consequência, dão rumo ao aluno autodidata de línguas.

Nos parágrafos a seguir, estão relacionadas as principais teorias da temática da motivação, o que influi grandemente no cotidiano do aluno autodidata.

2.3 Motivação

A motivação é um fator que proporciona ao estudante maior chance de lograr sucesso, seja em quaisquer atividades desempenhadas por este. Com relação à aprendizagem de uma nova língua, os indivíduos que apresentam maior grau de motivação conseguem alcançar seus objetivos com maior rapidez e efetividade. Por exemplo, o estudante de uma segunda língua que se sente motivado tende a educar a sua própria mente, com o objetivo de aplicar o esforço necessário para concluir seus próprios objetivos dentro da determinada língua. Por outro lado, estudantes desmotivados não se comprometem a se esforçar, o que atrasa o seu processo de aprendizado. Nota-se então que a motivação é um fator que prediz o sucesso da aprendizagem de um segundo idioma.

De acordo com Oxford (1984, apud YU & WATKINS, 2010, p.168), “a motivação é um dos fatores mais importantes que governam a aprendizagem de uma segunda língua, pois esta determina a extensão do envolvimento ao aprender”. Mesmo um estudante que apresente ótima aptidão para aprender uma nova língua pode não se sentir confortável com o longo e tedioso processo de aprendizagem.

A fim de estabelecer a relação entre motivação e a proficiência da língua, Gardner e Lambert (1972), conforme citado por Clement, Dorney e Noels (1994, p.419), identificaram duas orientações motivacionais: a orientação integrativa e a instrumental. Primeiramente, a orientação integrativa refere-se ao desejo de um indivíduo de aprender uma segunda língua com o objetivo de alcançar contato e se identificar com uma comunidade que fala o idioma em questão. Por exemplo, existem pessoas que aprendem a língua inglesa a partir do seu desejo de morar em um país que tem o inglês como idioma oficial.

A orientação instrumental, por sua vez, se aplica aos indivíduos que se comprometem a aprender uma segunda língua com o objetivo de realizar conquistas profissionais, ou seja, estudantes que buscam se aprimorar e usar o idioma aprendido para fins acadêmicos, ou mesmo de trabalho. Ambas as orientações

justificam e produzem a motivação necessária para os estudantes de idiomas seguirem empenhados.

Dörnyei e Ottó (1998, apud GASS, 2008, p. 429) também propuseram um modelo de motivação que apresenta três estágios, os quais se desenvolvem no decorrer de todo o processo motivacional: o estágio pré-ação, o estágio da ação e o estágio pós-ação. No estágio da pré-ação, a motivação é gerada, e o indivíduo desperta a vontade de completar o seu objetivo. A fase da ação compreende a execução da motivação, na qual o indivíduo se propõe a praticar o que aprendeu mesmo estando sob a influência de distrações. Já o estágio da pós-ação indica uma retrospectiva de toda a ação exercida, e o indivíduo então tem a oportunidade de avaliar o seu percurso de esforço. É importante salientar que os estágios mencionados serão usados novamente no futuro, a fim de que o sucesso se repita.

A seguir, a metodologia aplicada nesta investigação será devidamente apresentada, bem como as informações sobre tipo de pesquisa, população, amostra e a técnica de coleta de dados utilizada.

3 METODOLOGIA

3.1 Tipo de Pesquisa

A presente investigação, quanto aos procedimentos de coleta de dados, é uma pesquisa de campo, visto que a coleta de dados se deu diretamente à observação de um grupo de estudantes do curso de Licenciatura em Letras Inglês da UESPI que possuem características e hábitos autodidatas.

Quanto aos objetivos, a presente investigação tem caráter descritivo, pois buscou, através da observação e de registros, identificar e descrever o uso do autodidatismo dentro de um grupo de estudantes do curso de Licenciatura em Letras Inglês da UESPI.

Quanto à abordagem, esta investigação tem caráter quantitativo, pois apresentou os dados coletados através de resultados estatísticos.

3.2 População

A pesquisa foi realizada levando em conta uma população de 240 indivíduos do Curso de Licenciatura Plena em Letras Inglês da UESPI.

3.3 Amostra

A amostra da presente pesquisa foi constituída por 21 alunos de 3 diferentes turmas. Os alunos foram escolhidos devido às experiências e interações vividas durante o curso, essas que levaram a constatar que todos possuíam características autodidatas no aprendizado da língua inglesa. A fim de embasar a investigação, foram utilizadas as seguintes características propostas por Hollins (2018): aprendizado por conta própria; motivação para aprender; dedicação de tempo para o aprendizado; controle dos resultados alcançados; organização e desenvolvimento de estratégias de aprendizado

3.4 Técnica de Coleta de Dados

A coleta de dados nesta investigação foi realizada por meio de questionários estruturados com 12 questões, sendo 8 questões fechadas e 4 questões abertas.

Na seção seguinte, serão apresentados os dados coletados, números e gráficos, com suas respectivas análises.

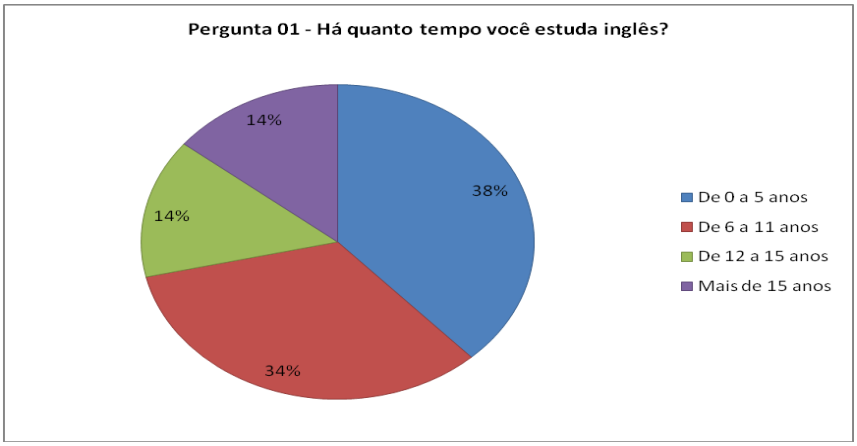
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DO *CORPUS*

Nesta pesquisa, os dados coletados durante a investigação estão apresentados em duas etapas. Na primeira etapa, apresentamos dados acerca da observação realizada junto aos alunos, bem como esclarecimentos acerca do instrumento de pesquisa selecionado. Na segunda etapa, reproduzimos o teor dos questionários distribuídos aos alunos.

Inicialmente, um questionário estruturado com 12 questões, sendo 8 fechadas e 4 abertas, foi elaborado no mês de maio, para ser aplicado entre os alunos do Curso de Letras Inglês e que constituiriam a amostra dessa investigação.

A coleta de dados foi realizada em um período de 2 semanas, em junho de 2019. Três turmas do Curso de Licenciatura em inglês da UESPI – que correspondiam aos blocos II, IV e VI – responderam o questionário, somando 21 alunos respondentes. As turmas escolhidas se distinguem pelo bom nível de conhecimento da língua inglesa. Em cada sala, cinco voluntários quiseram responder o questionário.

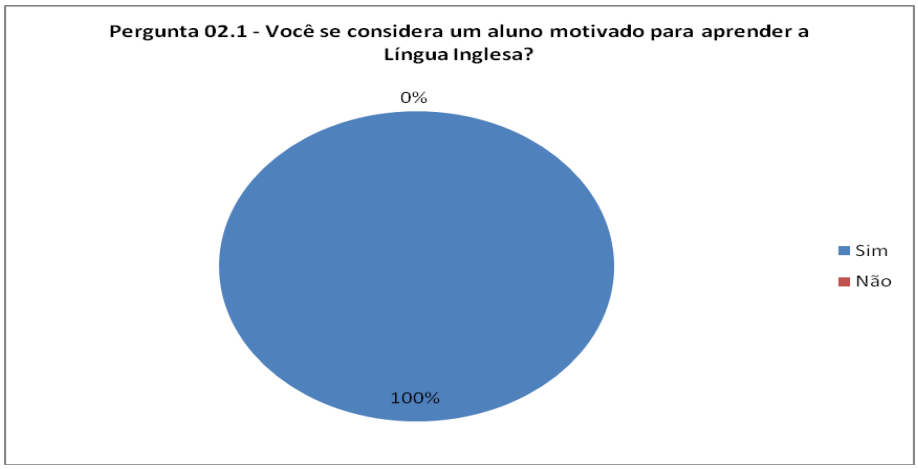
Gráfico 01



Fonte: o autor

A princípio, foi necessário investigar o tempo de estudo que os entrevistados investiram na aprendizagem língua inglesa. Dos vinte e um (21) alunos entrevistados, cinco (8) relataram que estudam o idioma por entre zero (0) e cinco (5) anos (38%); seis (7) relataram que estudam o idioma por entre seis (6) e onze (11) anos (34%); três (3) relataram que estudam o idioma por entre doze (12) e quinze (15) anos (14%); três (3) relataram estudar o idioma por mais de quinze (15) anos (14%). Os resultados demonstram que a população investigada possui um período de estudo longo.

Gráfico 02



Fonte: o autor

Aos entrevistados, foi perguntado acerca do fator motivação – fator que exerce grande papel na jornada autodidata de um estudante. Os resultados apontam que, dos vinte e um (21) entrevistados, todos (100%), sem exceção, afirmam se sentir motivados para aprender a língua inglesa. A pergunta em destaque é parte da questão de número dois, que, também, encoraja os entrevistados a fazerem uma autorreflexão sobre o grau de motivação no qual se encontram no momento.

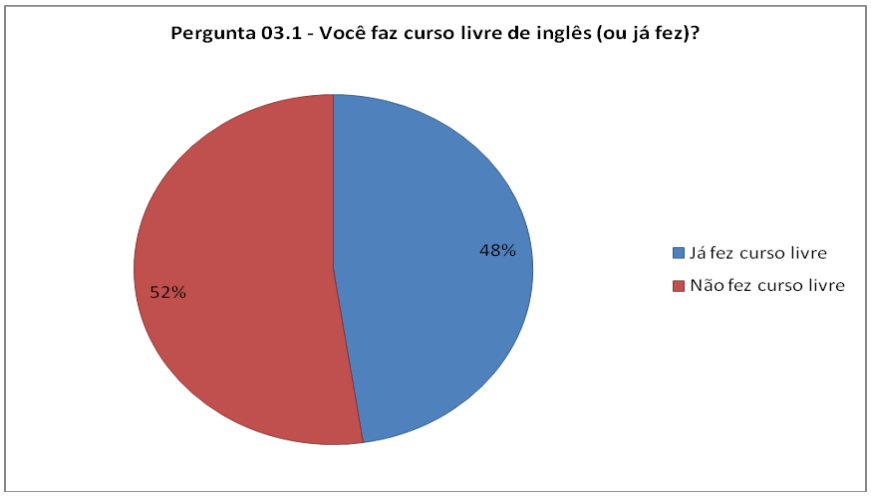
Gráfico 03

Fonte: o autor

Os dados apontam que nenhum (0%) dos vinte e um (21) entrevistados demonstra estar pouco motivado para aprender; sete (12) deles afirmaram estar

motivados (60%); seis (6) informaram estar muito motivados (30%) e dois (2) demonstraram estar altamente motivados (10%).

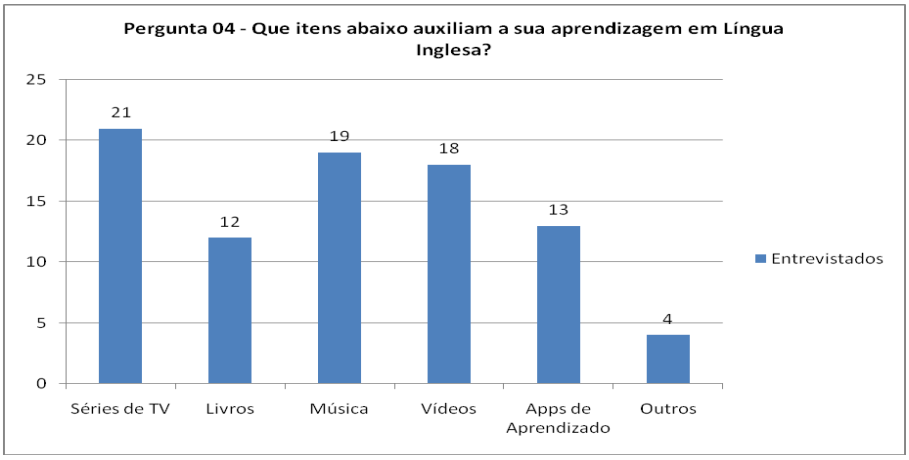
Gráfico 04



Fonte: o autor

Os entrevistados foram perguntados se já fizeram curso livre de inglês, e os resultados apontam que a maioria dos estudantes (52%) respondeu que não, enquanto a minoria (48%) afirmou ter frequentado algum curso.

Gráfico 05

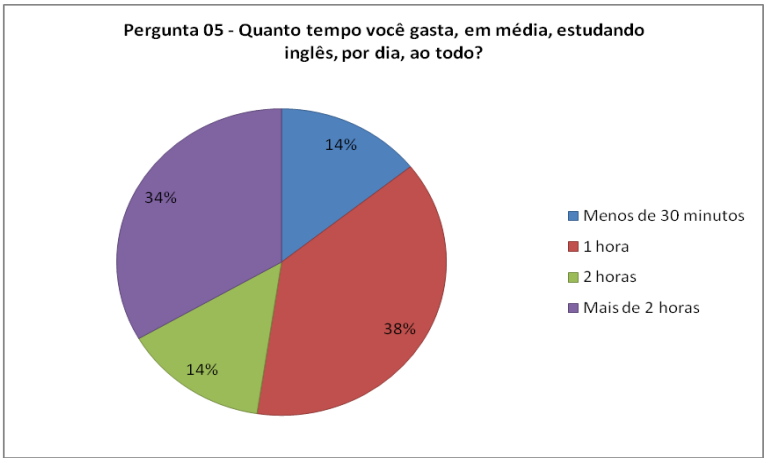


Fonte: o autor

O gráfico acima mostra de que forma os respondentes são auxiliados na aprendizagem da língua inglesa. Os dados demonstram que todos os vinte e um

(21) entrevistados afirmaram aprender inglês através de séries de TV (100%); doze (12) entrevistados aprendem através da leitura de livros (57,1%); dezenove (19) entrevistados aprendem através de músicas (90,4%); dezoito (18) entrevistados aprendem através de vídeos (85,7%); treze (13) aprendem através de *apps* específicos para aprendizado (61,9%); e quatro (4) apontaram outras formas de aprendizado, como filmes e revistas (19%).

Gráfico 05



Fonte: o autor

Os entrevistados foram questionados acerca das suas respectivas cargas horárias diárias de estudos da língua inglesa, momento em que o estudante autodidata reserva para se dedicar aos estudos. Dos vinte e um (21) entrevistados, três (3) indivíduos afirmaram estudar por menos de 30 minutos (14%); 8 (oito) afirmaram reservar pelo menos uma hora (38%); três (3) relataram estudar por duas horas (14%); e sete (7) relataram estudar por mais de duas horas por dia (34%).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa possibilitou entender como o autodidatismo pode ser um fator auxiliador para o aprendizado de uma segunda língua por parte dos alunos do Curso de Licenciatura em inglês da UESPI.

O objetivo geral foi investigar o uso do autodidatismo como ferramenta para aprendizagem da língua inglesa entre os alunos da instituição. Como resultado, constatou-se que, de fato, esses estudantes utilizam o autodidatismo para auxiliar no aprendizado da língua inglesa, bem como averiguou-se que esta prática exerce um papel fundamental na jornada acadêmica deles.

A primeira hipótese formulada pressupunha que o autodidatismo acelera a aprendizagem da língua inglesa, bem como serve de estímulo para a busca de novos conhecimentos. Conforme os dados coletados, pôde-se observar que os alunos que estudam por conta própria afirmam ter mais segurança com relação às suas habilidades linguísticas. Além disso, constatou-se que estudar por conta própria e com métodos individuais estimula os alunos entrevistados a buscar mais conhecimento na área que eles estudam.

A segunda hipótese previa que o aluno autodidata precisa estar motivado para aprender a língua inglesa com êxito. A coleta de dados revelou que os estudantes concordam com o fato de que a motivação é um fator importante para o aprendizado. É evidente que existem vários graus de motivação, porém a ausência de motivação resulta em um aprendizado mais difícil de alcançar.

A resposta para o problema desta pesquisa está evidenciada na confirmação das hipóteses levantadas. O autodidatismo, a partir do momento que auxilia o aluno a desenvolver um aprendizado mais rápido e eficaz, contribui diretamente no rendimento desse estudante. Ainda, se o aluno é motivado a buscar novos conhecimentos de forma autônoma, é correto afirmar que o autodidatismo é uma poderosa ferramenta de estudo.

Como contribuição para a comunidade acadêmica e para a comunidade em geral, a presente investigação possibilitou uma nova visão acerca da prática do autodidatismo, visto que ser autodidata não significa apenas renunciar às instruções de um professor ou mentor, mas sim executar tarefas autônomas com o objetivo de aprimorar conhecimentos. Essa pesquisa, por outro lado, permitiu que pudéssemos

identificar práticas autodidatas que aceleram a aprendizagem da língua inglesa e estratégias que são de grande ajuda para estudantes.

Ao longo desta pesquisa, surgiram novas possibilidades de exploração do tema abordado, mas que não foram aqui contempladas visto que o tempo de execução e a vastidão de assuntos demandados não o permitiriam. Contudo, esta pesquisa pode avançar muito mais se os futuros investigadores abordarem mais aspectos referentes ao aprendizado autodidata. Por exemplo, seria de grande significância estudar sobre o papel do mentor/professor no estímulo e formação de alunos autodidatas. É importante refletir sobre como estes educadores devem motivar os seus alunos a serem pessoas autodidatas, para que, desta forma, esses alunos sejam capazes de manter controle sobre o que está sendo aprendido, bem como enriquecer o seu repertório de conhecimento.

Para finalizar, registramos aqui as palavras de Hollins (2018, p. 14): “A autoaprendizagem é benefício de uma mentalidade que nem sempre é acolhida pelas escolas tradicionais, mas que pode provar ser de grande vantagem não só na educação. Essa é a mentalidade do autodidata.” Em outras palavras, é de suma importância que haja o debate sobre autonomia no aprendizado não só no âmbito escolar e acadêmico, mas também que esse assunto seja discutido de forma que todos possam usufruir dessa autonomia em diferentes aspectos e situações.

REFERÊNCIAS

BLOOMFIELD, L. ***Language. New York: Holt, Rinehart and Winston***, 1933.

CLEMENT, R., DORNYEI, Z. and NOELS, K. A. ***Motivation, Self-confidence, and Group Cohesion in the Foreign Language.*** *Language Learning*: v. 44, n. 3, p. 417-448, 1994.

CHOMSKY, N. ***The Minimalist Program*****.** Cambridge, MA: MIT Press, 1995.

COOK, *V.* ***Inside Language*****.** London: Edward Arnold, 1997.

D’ANDREA, G. **Autodidatismo: Temas Para Grupos – Número 1.** Ribeirão Preto: s.n., 2015.

DULAY, H. and BURT, M. ***Remarks on creativity in language acquisition*.** In M. Burt, H. Dulay, & M. Finocchiaro (Eds.), Viewpoints on English as a Second Language. New York: Regents, p. 95-126, 1977.

FIGUEIREDO, F. **Aquisição e aprendizagem de segunda língua.** Signótica, v. 7, n. 1, p. 39-58, 11 set. 2009.

GASS, S.M., & SELINKER, L. ***Second language acquisition: an introductory* course.** Third edition. Mahwaw, NJ: Lawrence Erlbaum, 2008.

HOLLINS, P*., **The Science of Self-Learning: How to Teach Yourseld Anything, Learn More in Less Time, and Direct Your Own Education*.** E-book version, 2018.

KRASHEN, S. D. ***Principles and Practice in second language acquisition.*** New York: Pergamon, 1981.

LIWEI. ***Thought and language. Beijing University Press,*** Beijing, p. 10-11, 2010.

SOLOMON, J. ***The Passion to Learn: An Inquiry Into Autodidactism*.** Second Edition. New York: Taylor & Francis e-Library, 2005.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1984.

YU, B., WATKINS, D. ***Attitudes and Motivation in Second-Language Acquisition: A Study of International Students in China from a Cultural Perspective.*** In: Chapman D.W., Cummings W.K., Postiglione G.A. (eds) Crossing Borders in East Asian Higher Education. CERC Studies in Comparative Education, vol 27. Springer, Dordrecht, 2010.